JL
jornal de letras, artes e ideias

Ano IX n.º 358 • De 16 a 22 de Maio de 1989 • 100$00 • Semanário • Director **José Carlos de Vasconcelos** • Director adjunto **Luís Almeida Martins**

GRANDE PRÉMIO DA APE

EUGÉNIO DE ANDRADE, O POETA

DOIS TEXTOS INÉDITOS E UMA CARTA DE MARGUERITE YOURCENAR

UM ARTIGO DE FERNANDO PINTO DO AMARAL

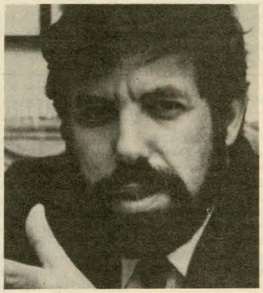
PÁGS. 7/10

Foto Dario Gonçalves

UM TEXTO DE CARDOSO PIRES

DIÁLOGO CULTURAL NORTE-SUL

PÁG. 32



LUCAS PIRES

O ESPÍRITO DA EUROPA

ENSAIO PÁGS. 20/22

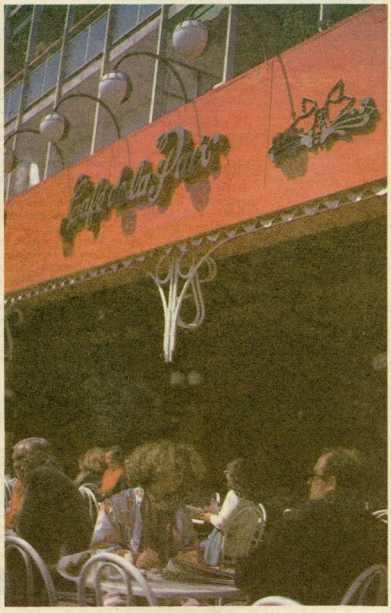
LUCIANO BERIO: "MÚSICA É CIÊNCIA"

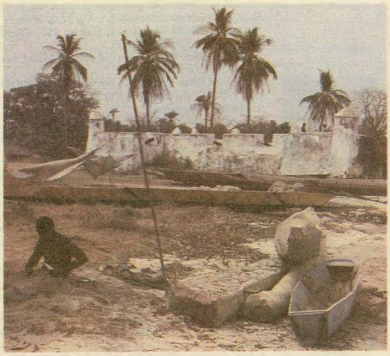
ENTREVISTA DE JORGE LIMA BARRETO

PÁGS. 26/27

O diálogo cultural Norte-Sul, "humanismo tecnocrático"

JOSÉ CARDOSO PIRES





Na letra e na formulação, o Confronto Norte-Sul assenta, como sabemos, numa imagem da Terra dividida em dois mundos em desequilíbrio: o dos países industrializados e o dos subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento.

Não me parece necessário recordar aqui que, desde os seus primeiros enunciados, os pontos-chave desta doutrina assentam pragmaticamente na análise da produção e do mercado, no desarmamento e na expansão da tecnologia transnacional, na fome ou na desertificação, na criação de fundos comunitários e na ordenação monetária. O que, embora mais conhecido de todos, me parece indispensável sublinhar é que na programação das prioridades do Diálogo Norte-Sul jamais, que eu saiba, é dado o menor relevo à problemática cultural. Na verdade, nas quinhentas e tal páginas do Relatório Willy Brandt (ed. Gallimard) apenas lhe são dedicadas umas breves linhas circunstanciais, como estas:

«Consideramos como indiscutível que todas as culturas são merecedoras do mesmo respeito, da mesma protecção e da mesma promoção. Quanto mais o processo de modernização é reduzido às questões puramente técnicas, tanto mais importante se torna ter em conta a identidade cultural e a independência dos povos.»

E mais adiante:

«Os perigos do imperialismo cultural não devem ser menosprezados. É imperioso que se estabeleça um equilíbrio entre as oportunidades oferecidas pela tecnologia moderna e a existência dos povos e das regiões que não querem nem devem perder o seu carácter específico.»

Nada justificaria que eu transcrevesse uma observação tão óbvia como esta se ela não representasse uma das raras abordagens à identidade cultural que constam do Relatório Brandt. Mais ainda: se ela não fosse exemplarmente característica da forma e do estilo dos teóricos do Desafio Global. Na verdade, todos eles definem o espaço de confronto económico como um espaço de solidariedade e em todos eles o apelo à sobrevivência dos povos menos desenvolvidos é enunciado de maneira pragmática e ética, e principalmente com um acento dominante de «humanismo tecnológico», se me é permitida a expressão.

Mas uma coisa é criar espaços de aliança económica, política ou militar e outra é conjugar dentro deles os laços de identidade que lhes assegurem alguma unidade cultural. Nesse sentido talvez seja oportuno que, no Atlas Universal do Desafio Norte-Sul, concentremos por instantes a nossa atenção neste território chamado Europa sobre o qual, já em 1953, os eruditos de Roma, sentados à mesa do Conselho Europeu, se debatiam para lhe encontrar uma definição unitária. Na realidade, «desde quando se fala de **Europa?**», interrogava-se um deles, Denis de Rougemont.

Creio que sob muitos aspectos a pergunta continua ainda em suspenso. Sabemos, por exemplo, que Beethoven compôs uma cantata para o Congresso de Viena com o título «Nasceu a Europa». É uma referência, indiscutivelmente. Mas antes disso já Montesquieu e Leibniz tinham posto o conceito de **Europa** acima do conceito de Nação. E séculos atrás, logo após a batalha de Poitiers, já o adjectivo **europeu** tinha circulação reconhecida. Até onde ia esse continente? Qual a unidade que representava? Para Toynbee, o substantivo **Europa** é tão vasto e tão vago que abrange a Turquia e Israel, e para Milan Kundera, o adjectivo **europeu** não passa de uma abstracção, duma metáfora — **Europeu:** aquele que tem a nostalgia da **Europa.**

No entanto há uma Europa Comunitária: existe com a sua unidade e as suas contradições e orienta-se pela bússola Norte-Sul do Desafio Global. Comunidade Económica — é assim que ela própria se define desde a primeira hora. Produzir e desenvolver mercados para eliminar as assimetrias socioeconómicas do seu espaço colectivo é a meta a atingir. Ou a grande prioridade que a faz mover. O resto virá depois.

A que preço?

A meu ver, este capítulo inicial da CEE que estamos vivendo e que se estende até 1992 apresenta inegáveis benefícios para a dinamização dos países que a integram. Opõe-se e modera sob certos aspectos a agressividade do internacionalismo norte-americano e, numa primeira fase, pode mesmo contribuir, por contraste, para a afirmação da imagem da identidade dos países que a compõem. («Não sabemos fixar toda a nossa atenção sobre as máquinas e sobre as instituições, mas sobre os homens. A solidariedade entre as nações deve ser fundada no reconhecimento mútuo dos seus valores», aconselha o Relatório Norte-Sul.)

Mas em matéria cultural o humanismo tecnológico evita quaisquer compromissos que possam perturbar os laços comunitários. Produção e investimento, organização do espaço de consumo e planificação da ordem monetária — eis do que trata o programa de compromissos em que assenta a CEE.

No entanto, é pelo menos ingénuo pretender que, numa comunidade de países tão diferenciados como os da Comunidade, o processo de desenvolvimento e de entreajuda económica se possa manter confinado a soluções de trabalho e de mercado sem que daí resultem conflitos culturais. O diálogo da indústria leva, mais tarde ou mais cedo, ao diálogo cultural até porque nos países tecnologicamente poderosos a Cultura é cada vez mais explorada e difundida em termos industriais. Estamos hoje, portanto, face a uma indústria cultural, e talvez seja esta a designação mais adequada para se localizar com rigor o lugar que o livro, os jornais e os meios de comunicação audiovisual ocupam no mercado de consumo e na formação da opinião colectiva. A verdade é que, melhor ou pior, é através destes **media** que se faz o diálogo cultural Norte-Sul; melhor ou pior, são eles que o condicionam.

Mas perante o imperialismo crescente da produção audiovisual dos países altamente industrializados, torna-se urgente estabelecer regras ou quotas de protecção à identidade cultural dos países mais fracos da Comunidade. A língua, antes de mais nada. No caso do meu país, o português que falam 160 milhões de cidadãos espalhados por vários continentes não é só uma das forças prioritárias da nossa identidade como constitui um capital valiosíssimo para o nosso relacionamento, a todos os níveis, com o Brasil e com os novos Estados africanos. A desatenção de algumas instituições internacionais relativamente à língua portuguesa é um entrave indiscutível ao alargamento do diálogo cultural entre a Europa e a África, entre o Norte e o Sul.

Quem perde a voz própria perde a pátria. «A minha pátria é a língua portuguesa», como disse Fernando Pessoa. E, como sabemos, nesse processo de desgaste e de corrosão, o disco, a rádio e a televisão são os agentes mais vorazes. A televisão, principalmente. Com o progresso acelerado da transmissão por satélite o espaço televisivo torna-se incontrolável, deixa de ter fronteiras e a produção transnacional domina os tempos de antena.

Esse processo de colonização cultural vem de longe e ainda há poucas semanas provocou os protestos dos cineastas franceses num apelo dramático dirigido ao presidente Mitterrand. De qualquer maneira, a política audiovisual da Comunidade hesita, mostra-se débil. Ou, mais grave ainda, encara com desconcertante estreiteza o conceito de objectivos culturais na indústria audiovisual.

Como consequência, nesta ocupação monopolizadora do espaço cultural europeu a parte do diabo, o produto de menor qualidade, cabe aos países menos protegidos economicamente que assim se vêem reduzidos à condição de mercados de cedentes. São países que, embora de grandes tradições culturais, se encontram dia a dia mais abafados pela inflação da indústria audiovisual e dia a dia mais agredidos na sua identidade.

A realidade faz-nos ver com toda a clareza que indústria e cultura se encontram cada vez mais comprometidos entre si. Que todo o diálogo Norte-Sul envolve um diálogo cultural. Que é urgente que a solidariedade comunitária ponha fim ao remorso histórico da colonização cultural e que se empenhe, sem evasivas, na defesa e na afirmação da identidade de cada país, isto é, da sua liberdade criativa.

Sem isso, receio bem que novas assimetrias irão tomando corpo no espaço comum europeu e que ele se torne menos plural. Por mim, não tenho a menor dúvida de que a degradação da identidade cultural só pode conduzir a um diálogo de surdos.

A FECHAR

– Por onde andas agora?, perguntei ao coelhinho, sempre fora de casa. Quase nem lhe ponho a vista em cima.

– Ando na borga. Inscrevi-me em vários cursos do Fundo Social Europeu e gosto bastante. Aprendo a moldar próteses dentárias, fixas e removíveis, a dançar pantomima, a ser serralheiro especializado, a incumbir-me da tradução simultânea de mandarim. Ainda gostava de aprender a curtir peles, mas o curso foi adiado. Tudo isto tem futuro.

– E tens tempo para tudo isso?

– Tempo? A procissão ainda vai no adro: não falto aos filmes de Bergman na Cinemateca, leio todos os suplementos do «Expresso» e concorro para ganhar o carro do «Diário de Notícias». Se ganhar, também hei-de fazer o curso de mecânica. E agora, desculpa lá, tenho uma reunião importante no Sporting. Deixa-me os morangos no frigorífico...

Jorge Listopad